



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **Cinema e Empoderamento de meninas e jovens na Periferia de Belém.**Autor (1);

Sabrina Figueiredo Sousa<sup>1</sup>, Tassia Christinne Brito Coelho<sup>2</sup>; Sarah Figueiredo da Cruz<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará, email: [ss.sabrinasousa@gmail.com](mailto:ss.sabrinasousa@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Pará. Email: [tbrito.coelho@gmail.com](mailto:tbrito.coelho@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade da Cidade de São Paulo. Email: [sarahcruzsfsc@gmail.com](mailto:sarahcruzsfsc@gmail.com)

**Resumo:** O Audiovisual no Brasil e no mundo tem em sua história a produção e circulação quase massiva de narrativas masculinas e brancas (européia e estadunidense), as quais passam por um estereótipo, um ideal, construído e reforçando um sentido de estética e representação conservadoras e machistas sobre papéis tanto de gênero, raça, quanto de classe, o qual passa por mudanças significativas no que diz respeito aos papéis da representatividade nas telas, tanto em sua narrativa, quanto atrás das câmeras. As mulheres estão conquistando mais espaço nas construções diegéticas. Entretanto, muito ainda precisa ser construído no que diz respeito a imagem da mulher negra. Partimos de uma observação participante sobre como a percepção de papéis não secundários para mulheres, pessoas negras, ou mesmo de contra narrativas de “princesas”, ou mesmo os papéis de princesas não ortodoxos, os quais constroem novos olhares sobre a representatividade e proporcionalidade no cinema para jovens espectadores da periferia de Belém sob a observação do filme “Pantera Negra” (Black Panther), em um projeto de cineclube em um bairro periférico da cidade. Na qual nossas experiências passam tanto na observação das reações em relação ao contexto do filme, quanto na participação em diálogos posteriores com o público das sessões, meninas e jovens participantes de uma iniciativa de cineclube, o qual tem por objetivo criar possibilidades a partir da linguagem cinematográfica.

Palavras-chave: Cinema, Mulheres negras, experiências periféricas.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

### Introdução

O Audiovisual no Brasil e no mundo tem em sua história a produção e circulação quase massiva de narrativas masculinas e brancas (européia e estadunidense), as quais passam por um estereótipo, um ideal, construído e reforçando um sentido de estética e representação conservadoras e machistas sobre papéis tanto de gênero, raça, quanto de classe, o qual passa por mudanças significativas no que diz respeito aos papéis da representatividade nas telas, tanto em sua narrativa, quanto atrás das câmeras

Assim a trajetória do cinema no Brasil se dá tanto pela tentativa de reprodução do cinema internacional em contrapartida a tentativa da construção de uma estética com a cara brasileira, que falasse sobre o modo de vida, na dicotomia em que a produção cinematográfica emperra em problemas financeiros uma vez que a produção fílmica limitada em um país pobre com grandes orçamentos. A construção que por sua vez passa por influências internacionais, com os entraves financeiros, demonstram a

dualidade entre as produções originais e a construção desse imaginário brasileiro.

A história do cinema não se refere aos negros e as mulheres, e quando faz, constroem narrativas que muitas vezes reforçam imagens estereotipadas e negativas. Isso ocorre tanto no brasileiro quanto em produções internacionais de grande circulação. Nesses processos de ressignificação da história do cinema as mulheres negras mais recentemente ganham destaques, conquistando mais espaço nas construções diegéticas. Entretanto, muito ainda precisa ser construído no que diz respeito a imagem da mulher negra.

Há muita gente ganhando dinheiro com a propagação desse tipo de alienação e, claro, são sempre as mulheres as primeiras vítimas e as que sofrem as piores consequências. Crianças já se preocupam com seus corpos como se fossem mulheres de 35 anos e isso é apenas o início do fim. O corpo feminino é uma moeda de troca no Brasil tanto para a mulher quanto para o homem. Se a mulher tem um corpo que se encaixa dentro dos padrões estabelecidos, ela tem uma moeda de troca poderosa com a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

qual pode obter privilégios sociais e pessoais. Se um homem (dentro ou fora desses mesmos padrões) tem uma mulher que se encaixa nesses padrões a seu lado, isso se torna um símbolo de status. (Ribeiro, 2016).

A construção de uma imagem que não se reforça pela imagem pré-concebida socialmente em relação a relação de subalternidade da imagem da mulher negra, pensando o conceito de imagem ser imitação, colide em relação a imagem que as meninas possuem sobre sentido de submissão da mulher, reforçada muitas vezes no seu meio familiar, em relação da imagens do filme que possuem papéis de liderança, poder e segurança. As construções de narrativas a partir desse contexto são múltiplas, desde a não romanização das relações conjugais a imagens não frágeis de princesas, construído pelo sistema moderno.

O projeto de cineclube “Cine Guamá” acontece em um bairro periférico, o Guamá, marginalizado socialmente com a negação de sua resistência social e cultural em sua história. O projeto busca a democratização do acesso a linguagem cinematográfica a

comunidade, desde atividades de lazer a debates a partir de filmes assistidos.

A comunidade é considerado periferia (geograficamente central, mas político, sócio e culturalmente marginalizada na sua construção), em que essa periferização se dá tanto pela negação em acesso aos direitos pelo poder público a essas pessoas, como na sua construção histórica cuja ocupação do bairro se dá em conjunto com a formação de um antigo leprosário, continuamente associadas a narrativas de abandono e violência, apontada como uma das áreas mais violentas da cidade, onde em 2014, o Guamá passou a ser protagonista como ponto de partida de um dos episódios maior repercussão da cidade, com uma das primeiras grandes chacinas de Belém. O cineclube surge em parceria com a atividade em parceria com a Universidade Federal do Pará em conjunto com o Espaço Cultural Nossa Biblioteca e o Ministério da Cultura para uma tentativa de minimizar essa ausência de políticas nesse sentido.

### Metodologia

A metodologia utilizada foi a observação participante, onde as



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

análises se dão pelo processo de interação com os sujeitos da ação cujo processo da pesquisa se pela participação, no qual não se trata como “objeto de pesquisa” mas em sujeitos os quais possuem ação e a relação é vista como processo de investigação, bem como e debates orientados a partir da narrativa fílmica. Partimos de uma observação participante sobre como a percepção de papéis não secundários para mulheres, pessoas negras, ou mesmo de contra narrativas de “princesas”, ou mesmo os papéis de princesas não ortodoxos, os quais constroem novos olhares sobre a representatividade e proporcionalidade no cinema para jovens espectadores da periferia de Belém sob a observação do filme “Pantera Negra” (Black Panther), em um projeto de cineclube em um bairro periférico da cidade.

### Resultados

Nesse contexto de violência e ausência de políticas públicas de acesso a lazer o projeto de cineclube

Na qual nossas experiências passam tanto na observação das reações em relação ao contexto do filme, quanto na participação em diálogos

posteriores com o público das sessões, meninas e jovens participantes de uma iniciativa de cineclube, o qual tem por objetivo criar possibilidades a partir da linguagem cinematográfica.

Podemos perceber que nos três dias em que na primeira sessão a participação de crianças eram a maior parte do público, a segunda foi de meninas e na última sessão a participação de jovens foi a maior dentre as 3, a participação de crianças, jovens e após a segunda sessão, com uma participação ainda maior das meninas da comunidade na primeira e na segunda, na última sessão a presença de jovens (dentre os quais as meninas também representaram a maioria). Na soma das três sessões passaram cerca de 70 crianças e jovens. A última sessão, em que tivemos uma maior participação de jovens com diálogos após os filmes não tivemos tempo de fazer registros fotográficos, mediante a dinâmica da atividade.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Políticas de Gênero



*Figura 1 primeira sessão*



*Figura 2 Segunda sessão*

As percepções compartilhadas a partir da exibição do filme foram múltiplas, desde imagem de pessoas negras em ascensão ao poder, cuja presença intelectual não está sujeita a uma segregação racial a prospectos de meninas reconsiderando novos modelos de princesas não somente como as “meninas fragilizadas”, no que tange aos meninos e jovens essa mudança também passa pela sonoplastia em que identificam nas músicas de influência negra-africana como ritmos tradicionais ou mesmo o hip-hop contemporâneo como uma

aproximação a identidade local afroamazônica, que se exprime de maneira híbrida de herança cruzada (afroameríndia).

### Conclusão

Percebemos com nossas experiências que há uma ausência de narrativas em não haja papéis estereotipados para pessoas negras, em que o filme pode aproximar a diálogos sobre identidade étnico racial assim como apresenta novas discursões não subalternas aos referenciais negros apresentados pelo cinema, em que mesmo com poucos filmes de referência nacional, a ressignificação desse lugar em que o “subalterno” (pessoas que foram subalternizadas por uma condição social histórica como as populações afroameríndias) não somente possuem fala mas ação.

Percebemos a necessidade de papéis representativos no cinema, mas também em proporção aos demais produções, em que não se limite a regra da exceção, mas a uma proposta conjunta de cultura e participação étnica em papéis não estereotipados.

### Referências Bibliográficas



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

ANGUERA ARGILAGA, Maria

Teresa Metodologia de la observación  
en las Ciencias Humanas, 1986. 23-50.

ARAUJO, Inácio. Cinema: o mundo  
em movimento/ Inácio Araujo. São  
Paulo: Scipione, 1995. (História em  
Aberto).

RIBEIRO, S. Sabrina Fidalgo fala  
sobre o seu novo curta “Rainha,  
cinema brasileiro e suas referências  
como mulher negra. Modifica, 11 de  
fevereiro de 2016. Disponível em:  
[ww.modifica.com.br/sabrina-fidalgo-  
cienasta-brasileira/#.WiVvxoaHcd](http://ww.modifica.com.br/sabrina-fidalgo-cienasta-brasileira/#.WiVvxoaHcd)

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o  
subalterno falar? Belo Horizonte:  
Editora UFMG (2010 [1985]).

XAVIER, Ismail - O discurso  
cinematográfico - a opacidade e a  
transparência

Linguagem Audiovisual PUC-  
CAMPINAS.2005.